

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese buscou contemplar quatro vertentes: uma apresentação geral sobre Psicologia Econômica; o levantamento de suas origens; a discussão de um modelo para tomada de decisões fundamentado na Psicanálise; uma proposta para contribuir para a construção da Psicologia Econômica no Brasil.

A apresentação sobre o campo (cap.1) abrangeu uma visão geral sobre sua constituição nos países em que se encontra estabelecida, permitindo-nos afirmar que, em 2006, é uma disciplina em crescente consolidação, tanto no que diz respeito à sua inserção acadêmica, como quanto à produção e à disseminação entre diferentes segmentos. Despertando interesse em âmbito multidisciplinar – entre psicólogos, economistas, administradores, publicitários, ambientalistas, especialistas em informação e outros – já possui agenda própria de pesquisa, periódicos e livros, congressos e Associações científicas, e forma pesquisadores dentro de algumas abordagens preferenciais (dentre as quais destacam-se a cognitiva, cada vez mais em conjunção com a neurociência, e a comportamentalista). Os dois prêmios Nobel (Simon, 1978 e Kahneman, 2002) validaram, perante a comunidade científica, estudos psico-econômicos. No caso de Kahneman, que experimentou maior repercussão, veio consolidar um importante programa de pesquisa (em torno das heurísticas e vieses que deformam a percepção, com conseqüências para as decisões tomadas com base em dados deste modo alterados), instituído algumas décadas antes. Atualmente, podemos identificar o início de controvérsias mais explicitadas em relação a esta linha de investigação, ao lado de alguns questionamentos, conquanto ainda tímidos, de ordem metodológica. Em outras palavras, a área está viva e avança, do ponto de vista epistemológico e da própria produção.

A exposição de modelos identificados dentro da disciplina, desenvolvidos por autores relevantes da área – Katona, Reynaud, Lea, Tardy e Webley, Van Raaij, MacFadyen e MacFadyen, Albou, Earl, Earl e Kemp, Webley, Burgoyne, Lea e Young, Descouvières, Simon, e Kahneman – permitiu-nos conhecer fundamentos, premissas, propostas metodológicas e o alcance que estes estudos poderiam obter, ao lado de limitações que

procuramos apontar (cf. cap.3). Enfocamos, de modo especial, a visão destes pesquisadores a respeito do que definiria o campo e seu objeto de estudo, por meio das noções de *comportamento econômico, tomada de decisões e racionalidade*.

Já os primórdios da disciplina puderam ser identificados tanto na concepção inicial de Economia de Adam Smith, no século XVIII, como na *Escola Psicológica Austríaca* de Karl Menger, no século XIX, enquanto que Gabriel Tarde, francês, e Thorstein Veblen, norueguês radicado nos EUA, na virada do século XIX-XX, foram considerados, de forma praticamente unânime, seus fundadores¹. Após o período de *latência* que se estendeu até a segunda metade do século XX, George Katona, húngaro estabelecido nos EUA, e Pierre-Louis Reynaud, da França, teriam sido os responsáveis pela retomada do programa de pesquisa na interface, que prossegue até a atualidade [2006].

O estudo das raízes que dão origem às pesquisas na interface Psicologia-Economia apontam, *oficialmente*, poderíamos dizer, para a Economia Política, embora este vértice de análise pareça ter ficado negligenciado na modalidade que ganha força na segunda metade do século XX, no que consideramos como a *Psicologia Econômica contemporânea* (cf. cap.2). Dentro da tradição comportamentalista anglo-saxã, esta tendência volta-se, primordialmente, para o indivíduo, atribuindo características de neutralidade ao seu objeto de estudo que, dentro desta perspectiva, poderia ser descolado de qualquer contexto. O enfoque coletivo já teria convivido melhor com o individual, porém, conforme pudemos apurar na pesquisa histórica de seu nascimento, bem como na análise de Farr (2002²) sobre as origens da Psicologia Social, outra matriz para a Psicologia Econômica, e de autores dentro de nossa disciplina, quando debatem o escopo de sua agenda de pesquisa (cf. cap.3 e 5). Retomar uma proposta de reunião destes dois ângulos não fugiria, portanto, de seus objetivos originais.

¹ Curiosamente, é nesta época, também, que o trabalho de Freud, na Psicanálise, e de Simmel, que tratou da filosofia do dinheiro, têm início. Em 1900, por exemplo, Freud publica o grande clássico “A Interpretação dos Sonhos”, e Simmel, o também clássico, “Filosofia do Dinheiro”. Em todos os casos – Tarde e Veblen incluídos – a importância de variáveis emocionais e sociais, de forma imbricada, é destacada.

² FARR, Robert. *As raízes da Psicologia Social moderna*. Petrópolis: Vozes, 2002. Trad. Pedrinho Guareschi e Paulo Maya.

O levantamento destes dados serviu, também, como base para a elaboração de nossas duas propostas:

1. um modelo para investigar tomada de decisão, apoiado em conhecimentos psicanalíticos – traçando um percurso histórico de conceitos-chave para o que consideramos, com Bion (1979³) como a *decisão crítica*, quando se opta entre evitar a frustração, que causa desprazer e, portanto, aspectos importantes da realidade acabam desprezados ou, por outro lado, quando maneiras de atuar sobre esta realidade são buscadas, enfrentando-se, neste processo, o desconforto da frustração a fim de tentar modificá-la, chegamos ao *utilitarismo* e ao *marginalismo*, escolas de pensamento da Economia, que fundamentam suas premissas na polaridade *prazer-dor* para explicar o comportamento dos agentes econômicos. Incluindo pesquisas recentes de autores da Psicologia Econômica que têm retomado estas propostas, identificamos pontos de convergência e diferença em relação ao modelo que sugerimos. Este apoiou-se nas concepções psicanalíticas sobre o eixo *ilusão e pensar*, ou seja, sobre como a função de permitir acesso à consciência, como primeiro passo para alcançar pensamentos, quando está submetida ao critério único de avaliar-se percepções e outros conteúdos mentais com base, exclusivamente, sobre sua capacidade de proporcionar prazer ou dor, pode facultar a permanência num âmbito regido por ilusões, distanciado da situação real, conforme esta se apresente. Como decorrência, com a capacidade para pensar comprometida, a condição para apropriar-se e responsabilizar-se pelas escolhas feitas (sejam elas econômicas ou não), fica restringida. Uma vez que implica a íntima associação entre pensar e mundo emocional (é a capacidade emocional de suportar repercussões desagradáveis desencadeadas pela experiência da frustração que poderá abrir caminho para desenvolver a condição para pensar), este modelo defende a necessidade de incluir-se, *necessariamente*, a variável da *emoção* na investigação sobre decisões econômicas, alvo dos estudos da Psicologia Econômica (cf. cap.4).

³ BION, Wilfred. [1979] Making the Best of a Bad Job. In: BION, Wilfred. *Clinical Seminars and Four Papers*. Abingdon: Fleetwood Press, 1987.

2. um modelo para pensar sobre a construção da Psicologia Econômica no Brasil – a partir de um exame crítico a respeito dos fundamentos epistemológicos da disciplina, considerados em sua dimensão mais ampla, ou seja, dentro da perspectiva que a *Teoria Crítica da Sociedade* e autores como Bourdieu e Farr oferecem para discutir as relações com o contexto histórico, e da identificação de problemas nacionais, ao lado de exemplos de estudos sobre a inflação, que podem ser considerados precursores na interface Psicologia-Economia no Brasil, foi formulada uma proposta de esclarecimento da população, mediante a disseminação de informações sobre seu comportamento econômico (o que abrange tanto dados sobre a Economia, como sobre o funcionamento mental), com o objetivo de contribuir para a sua emancipação. Ao ampliar o conhecimento sobre como se decide no contexto econômico, aumentariam as possibilidades de se ganhar maior acesso às próprias operações psíquicas e, desta forma, viabilizar meios de defesa, resistência e desenvolvimento da capacidade da população responder às pressões impostas pelo sistema econômico (cf. cap.5).

Como ficou claro ao longo do trabalho, foi necessário fazer uma escolha inicial – incluir todas as vertentes da ampla interface Psicologia-Economia, ou da interface Economia e outras ciências humanas e biológicas, ou permanecer no âmbito mais específico da Psicologia Econômica propriamente dita. A opção pela última alternativa sustentou-se no fato da autora ter uma formação em Psicologia, com o interesse voltado às questões sócio-econômicas vistas por uma perspectiva do funcionamento mental, em articulação com o contexto histórico-social. Pesou nesta decisão, também, a dificuldade de realizar um trabalho tão amplo quanto aquele que seria demandado, caso as demais disciplinas fossem exploradas em igual medida. Poderíamos pensar, também, que as demais áreas, vinculadas à Economia, caberiam dentro de projetos que contemplassem uma História da Economia. Vemos aberto, assim, o espaço para que outros pesquisadores realizem empreitadas equivalentes em seus campos como, de fato, começa a ocorrer, para que num futuro próximo possamos dispor de dados para uma análise mais completa do desenvolvimento de toda esta área do conhecimento que engloba, também, a Economia Comportamental, a Sócio-Economia, as Finanças Comportamentais, a Economia Experimental, pesquisas sobre Julgamento e Tomada de Decisão e, ainda mais

recentemente, a Neuroeconomia, além da Psicologia do Consumidor, a Antropologia Econômica e, para alguns, a Nova Economia Institucional. (Um movimento iniciado por estudantes franceses de Economia, denominado *Economia Pós-autista*, também fornece elementos para o debate sobre nosso tema). De todo modo, julgamos apropriado oferecer um breve relato introdutório a respeito destas outras áreas, correlatas ou mesmo contíguas, como é o caso da Economia Comportamental em relação à Psicologia Econômica, a fim de situar e circunscrever o nosso objeto de pesquisa aqui, ao mesmo tempo em que indicamos algumas “pistas” iniciais àqueles que desejarem conhecer melhor estes outros campos. Estas informações encontram-se no Anexo.

Esta tese pretendeu contribuir para a abertura de um espaço de debate: enxergando a ciência como esforço coletivo, a Psicologia Econômica no Brasil será o que seus pesquisadores fizerem nesta área, portanto, não havendo receita única para ela. Nossa contribuição situou-se na coleta, organização e análise de informações, com vistas a tornar o campo mais conhecido para novos estudiosos e interessados, podendo, simultaneamente, servir como um esboço de retrato para aqueles que já atuam nele. Talvez a maior parte de seus integrantes conheça pouco sobre a disciplina em si e, assim, ao ver-se diante de um quadro como este, possa reconhecer dentro dele sua própria inserção e caminhos percorridos, bem como perspectivas futuras. Trata-se, neste sentido, além de compilação e discussão de dados, também de um convite à reflexão, inclusive aos colegas de fora do Brasil, uma vez que ter a oportunidade de acompanhar o nascimento da disciplina em outro local pode revelar-se um tipo interessante de *janela epistemológica*, como cabe, efetivamente, ao trabalho do historiador.

Desta forma, uma *rede* poderia, pouco a pouco, ir se formando, com a colaboração de psicólogos e economistas, primordialmente, bem como também de outros setores – ressaltamos, como ficou claro, a participação de psicanalistas –, sob diferentes bandeiras teóricas e metodológicas, mas juntos no propósito de ampliar o conhecimento sobre o que fazemos diante dos fenômenos econômicos, como os influenciemos e somos por eles influenciados.

Outros desdobramentos do crescimento da disciplina podem manifestar-se, num futuro próximo, sob a forma de livros especialmente dedicados ao tema, seja de publicações locais, seja de traduções de obras relevantes. Como vimos, a tradução de Reynaud, de 1967⁴, permanece como “filha única” até agora. Material com este enfoque daria, por certo, novo impulso a uma expansão ainda maior. Naturalmente, quando a Psicologia Econômica puder tornar-se uma disciplina, tanto em cursos de Psicologia, como nos demais (Economia, Administração, Contabilidade e outros), programas de pesquisa poderão ser criados, o que permitirá pensar que o campo caminha bem em nosso país. Por enquanto, enxergamos o esboço de passos promissores nesta direção, embora não seja possível precisar o tempo necessário à concretização destas evoluções.

No que diz respeito aos tópicos explorados no Brasil até o momento, cabe observar que ainda não dispomos de estudos realizados a partir da interface Psicologia-Economia, em número significativo, sobre os muitos problemas que nos assolam na Economia e desenvolvimento social. Com exceção dos diversos estudos sobre o mercado brasileiro de capital, e de pesquisas realizadas, em sua maior parte, dentro da direção específica da Psicologia, o que não representa a maioria, uma expressiva quantidade de situações que envolvem comportamento econômico – e decisões econômicas – aguardam, ainda, investigação cuidadosa e inovadora, embora possamos esperar que o debate em torno destas questões muito se beneficiaria com este tipo de abordagem.

De um lado, apesar de Finanças Comportamentais, ramificação específica dentro da interface Psicologia-Economia, aparecer como tema muito estudado entre pesquisadores brasileiros, podemos afirmar que a Psicologia Econômica também parece estar nascendo – ou começando a firmar-se – em nosso país. Em nenhum outro momento de nossa história pudemos identificar tantas iniciativas simultâneas e, em alguns casos, ocorrendo de forma consistente ao longo do tempo, em diferentes regiões (cf. cap.1 e cap.5). Outro setor que vem recebendo atenção crescente é o de finanças pessoais – o modo como o cidadão comum administra suas contas, seu dinheiro. É possível que o crescimento destas

⁴ REYNAUD, Pierre-Louis. *A Psicologia Econômica*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967. Trad. Djalma Forjaz Neto.

duas áreas venha a funcionar como um estímulo indireto à própria Psicologia Econômica, na medida em que pesquisadores, inicialmente interessados nelas, sejam capazes de descobrir as vantagens de poder alcançar *insights* mais minuciosos e aprofundados sobre as funções psíquicas presentes nestas operações, o que viria a aproximá-los do nosso campo de estudo. Acima de tudo, quanto mais extensa a rede de pesquisadores em todas as áreas de fronteira com a Psicologia Econômica, maior a possibilidade de reunir ainda mais colegas que poderão, assim, reconhecer sua pertinência ao campo, estruturando-o cada vez mais para futuras investigações.

Por outro lado, o comportamento econômico voltado, mais especificamente, a questões ambientais e nossa responsabilidade frente a elas, bem como a políticas públicas orientadas para este setor, não têm sido alvo de investigação de natureza psico-econômica no Brasil. Esperamos que, com relação a este problema, de gravidade extrema, o país siga a tendência da área, que vem se preocupando com o assunto já há vários anos. Decisões econômicas envolvendo ameaças ao meio-ambiente destacam-se entre as que requerem estudos cuidadosos com a maior urgência, pois se, por exemplo, não tivermos água ou ar, a própria viabilidade da vida das pessoas (e do planeta) fica ameaçada. Da mesma forma, tudo que se refere a crescimento sócio-econômico e seus muitos entraves poderia ser matéria-prima para pesquisas dentro desta perspectiva.

O conhecimento do passado nos permite analisar o presente – como afirma Farr (2002, p.14⁵), “*A principal razão de se examinar criticamente o passado é compreender melhor o presente*” – e, acrescentamos, lançar alguma luz sobre tendências futuras. O fato de não se encontrar plenamente constituída e instalada no Brasil pode revelar-se condição favorável a uma reflexão sobre a Psicologia Econômica que desejamos ver florescer em nosso país.

Quando uma área de saber avança, começa a debruçar sobre si mesma, ponderar sobre a própria trajetória, questionar o que é feito e debater sobre direções futuras. É o que temos

⁵ FARR, Robert. *As raízes da Psicologia Social moderna*. Petrópolis: Vozes, 2002. Trad. Pedrinho Guareschi e Paulo Maya.

visto ocorrer, desde o ângulo histórico que foi adotado no 30º. Congresso da IAREP, em Praga, 2005⁶ (cf. cap.2.), por exemplo, até uma mesa-redonda sobre rumos futuros da interface, que teve lugar no congresso do ano seguinte, em Paris, 2006⁷, passando pelos artigos que analisam a produção de seu periódico e o volume crescente de trabalhos que adotam a perspectiva histórica. É possível que a Psicologia Econômica, em conjunto com sua “irmã”, a Economia Comportamental, esteja amadurecendo para análises de caráter epistemológico.

Trabalhar com História significa não chegar jamais ao fim – novos documentos, novas pistas, novos vestígios e indícios podem ser encontrados, de forma que cada pesquisa contribui com uma pequena pedra para erguer o edifício do conhecimento histórico, que não tem fim. É assim que vemos esta tese – uma pedra que pode, talvez, “convidar” outras a ela juntar-se. Na verdade, já vemos isto começar a ocorrer – Karl-Erik Wärneryd, psicólogo econômico sueco, que é também dos mais idosos em atividade (apesar de aposentado da docência, prossegue com seus estudos), passou a dedicar-se ao estudo histórico da disciplina nos últimos dois anos (2005a⁸, 2005b⁹, 2005c¹⁰). E, aqui mesmo, no Brasil, temos uma economista comportamental, Roberta Muramatsu, que também volta-se para questões históricas fundantes de seu campo (2005¹¹). No recente congresso de Psicologia Econômica e Economia Comportamental, outro jovem economista apresentou, também, um polêmico trabalho sobre aspectos históricos da

⁶XXX International Association for Research in Economic Psychology Annual Colloquium – Absurdity in the Economy. Praga, Rep. Tcheca, 2005.

⁷ Lamentavelmente, não houve registro escrito do interessante debate que reuniu, em torno do tema “Behavioural Economics and Economic Psychology: a new paradigm?”, os seguintes participantes: Massimo Egidi (Itália), Robin Hogarth (Espanha), Lazlo Merö (Hungria) e Marie-Claire Villeval (França), em 08.07.06, durante o IAREP-SABE Conference Behavioral Economics and Economic Psychology, Paris.

⁸ WÄRNERID, Karl-Erik. Consumer image over the centuries. Glimpses from the history of economic psychology. In K. GRUNERT e J. THÖGERSEN (eds.) *Consumers, Policy and the Environment - A Tribute to Folke Ölander*, Springer Verlag. 2005.

⁹ WÄRNERID, Karl-Erik. Psychology and Economics. In TYSZKA, T. (ed.), *Psychologia ekonomiczna*, Gdansk, Poland: GDANSKIE WYDAWNICTWO, p.7-38. 2005.

¹⁰ WÄRNERID, Karl-Erik. Scholars in Economics and Psychology and Little Cross-Fertilization: the Mills and Economic Psychology. *Anais do XXX International Association for Research in Economic Psychology Annual Colloquium – Absurdity in the Economy*. Praga, Rep. Tcheca, 2005.

¹¹ MURAMATSU, Roberta. Emotions in Action: an inquiry into the explanation of decision-making behavior in the real economic world. *Tese de doutorado*, Departamento de Filosofia, Erasmus University of Rotterdam, 2006.

Economia Comportamental (Heukelom, 2006a¹²). É destino uma obra histórica tornar-se datada e o pesquisador precisa lutar contra o desejo – quase a tentação – de acreditar que chega a um final definitivo, como se pudesse, de alguma maneira, evitar a obsolescência. Não há como – assim que vem a lume, novas informações são geradas – se vista em termos absolutos, é obra incompleta, necessariamente.

Assim, é com satisfação que vemos a expansão desta perspectiva ter lugar antes mesmo do término deste trabalho. Conforme nossa hipótese, quanto mais informações circularem sobre esta interface – como surgiu, o que envolve, o que compreende, o que pretende – maiores as chances destes conhecimentos serem levados a público, não apenas entre a própria comunidade científica, como também junto à população leiga, enquanto o campo experimenta, paralelamente, uma evolução interna.

Em resumo, a Psicologia Econômica não está pronta. Podemos enxergar, dentro dela, movimentos contraditórios de progressão e regressão. Entretanto, ela só poderá desenvolver-se a partir de um debate sobre sua identidade, seus desafios e contradições. Não se trata apenas de oposição à Economia, ou a qualquer outra disciplina, ou método, mas de uma análise do que lhe é intrínseco, de sua própria instituição como ciência.

E, como ciência, não pode ser neutra pois, ou o conhecimento serve à vida – e vida digna – ou sequer seria o caso de persegui-lo. Em outras palavras, o propósito da Psicologia Econômica deve ser claro, para seus pesquisadores e de modo geral. A possibilidade de reflexão, de expansão do campo de visão, de modo a corrigir equívocos e identificar ou criar formas alternativas de encaminhamento de nossos problemas nesta esfera, torna-se a brecha pela qual nossa disciplina pode ganhar contorno de *práxis* libertária, por meio de uma produção de conhecimento engajado, que poderia contribuir para a verdadeira emancipação. É neste sentido que pretendemos que esta pesquisa venha a se inserir, representando uma contribuição concreta – e prática – para o avanço da Psicologia

¹² HEUKELOM, Floris. Kahneman and Tversky and the origins of Behavioral Economics. *Anais da IAREP-SABE Conference Behavioral Economics and Economic Psychology*. Université Paris 1 Panthéon Sorbonne, Elsevier, INRA, Regionelle de France, Centre National de la Recherche Scientifique, Université Paris 5 René Descartes, Paris, França, 2006a.

Econômica, que começa por preparar o terreno para sua instalação no Brasil. O debate estimulado desta forma poderia ajudar a construir o novo campo em nosso país, de modo refletido, pensado em suas inúmeras dimensões e conseqüências, e não apenas reproduzindo cegamente o que já é feito.

Uma Psicologia Econômica preocupada em expandir seu campo por meio da investigação corajosa e da produção científica reflexiva, a serviço da transparência e da democratização do conhecimento sobre o âmbito psico-econômico, em diálogo interdisciplinar permanente e inclusivo, abrangendo diferentes eixos geográficos e segmentos sociais. É esta a nossa proposta.